



**MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
TOCANTINS/CAMPUS PALMAS  
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS**

**THALIA DE SOUSA OLIVEIRA**

**O TEMPO NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE  
JESUS**

**PALMAS  
2021**

**THALIA DE SOUSA OLIVEIRA**

**O TEMPO NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, como requisito para aprovação na disciplina de TCC do curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em português e suas literaturas.

Orientador: Prof. Dr. André Lira

**Palmas  
2021**

**THALIA DE SOUSA OLIVEIRA**

**O TEMPO NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, como requisito para aprovação na disciplina de TCC, do curso de Licenciatura em Letras - Habilitação em português e suas literaturas, orientado pelo Professor Dr. André Lira.

Data de aprovação: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**Banca examinadora**

---

Prof. Dr. André Vinicius Lira Costa  
Presidente da Banca  
IFTO-Campus Palmas

---

Profª Dra. Fernanda da Silva Neves  
IFTO-Campus Palmas

---

Prof. Me. Luciano de Jesus Gonçalves  
IFTO-Campus Colinas

**Palmas  
2021**

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, André Lira, que me ajudou a trilhar o caminho da pesquisa literária quando tudo parecia estar perdido e por ter sido generoso ao compartilhar seus conhecimentos comigo, ouvir as minhas ideias e encorajá-las dizendo que era possível. Por ter sido paciente e apesar de todos os contratempos não ter desistido de mim.

Ao meu amigo, Vinícius, um verdadeiro Lorde literário, romântico incurável e defensor do amor, que acompanhou e me apoiou durante toda a minha jornada acadêmica, me ouviu falar centenas de vezes sobre Carolina Maria de Jesus e a obra *Quarto de despejo* sempre como se fosse a primeira vez e me ajudou a não desistir da literatura nem do TCC me acalmando e dizendo que tudo daria certo em vários momentos.

Ao meu amigo, Paulo Henrique, ou como eu gosto de chamar, Bay Aslan, que também me ajudou nessa trajetória acadêmica me apoiando e ouvindo com entusiasmo sobre a minha pesquisa e a minha paixão por literatura, por Carolina Maria, sempre me iluminando com a sua presença e a sua amizade.

Aos professores e colegas e amigos que curso de Letras me proporcionou e fizeram parte da minha formação, mostrando o tipo de professora e pesquisadora que eu quero ser um dia e também o que eu não quero ser a partir das suas ações e profissionalismo.

Aos meus pais que sempre me apoiaram e acreditaram em mim, mesmo quando eu não acreditava, que me mostraram como a educação é importante e que também me ensinaram a ter orgulho de quem eu sou, das minhas raízes e me incentivaram a correr atrás dos meus sonhos.

Por último, mas não menos importante, a minha amiga irmã, Ester, estrela que foi a pessoa mais incrível a qual eu conheci e tive o privilégio de chamar de amiga. Uma das minhas maiores apoiadoras e incentivadoras, que comprou todas as minhas loucuras acadêmicas, mas que agora está do outro lado do caminho me observando e vendo o resultado.

O tempo é a substância de que sou feito. O tempo é um rio que me arrebatou, mas eu sou o rio; é um tigre que me despedaça, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo. O mundo infelizmente é real e eu, infelizmente, sou Borges.

(Jorge Luis Borges, 1952, p.145)

## RESUMO

Este trabalho tem como proposta apresentar uma pesquisa sobre o tempo na obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Para isso, retornaremos à Grécia Antiga e sua compreensão de tempo e às modificações que foram acontecendo ao longo dos séculos até chegar a forma que conhecemos hoje. Também veremos como o tempo se organiza na literatura e, a partir disso, observaremos como o tempo se organiza na obra literária *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, escrita em forma de diário na qual ela retrata sobre a sua vivência como catadora de lixo e moradora da favela do Canindé, em São Paulo, dos anos de 1955 a 1960. A pesquisa seguirá os procedimentos de uma pesquisa bibliográfica qualitativa interpretativa, o trabalho será baseado nos aportes teóricos de Benedito Nunes (1988), Antonio Jardim (2013) e Anthony Giddens (1991). Ao final do trabalho observamos que o tempo na obra se constrói em ciclos e lermos a obra com outras definições de tempo em mente nos aproxima mais do que a personagem viveu.

**Palavras- chave:** Tempo; Carolina; *Quarto de despejo*

## **ABSTRACTO**

Este trabajo propone presentar una investigación sobre el tiempo en la obra *Cuarto de espejo*, de Carolina María de Jesús. Para ello, volveremos a la Antigua Grecia y su comprensión del tiempo y los cambios que se produjeron a lo largo de los siglos hasta llegar a la forma que conocemos hoy. Veremos también cómo se organiza el tiempo en la literatura y, a partir de ello, observaremos cómo se organiza el tiempo en la obra literaria *Cuarto de espejo*, de Carolina María de Jesús, escrita en forma de diario en el que retrata su experiencia como recolector de basura y habitante de la favela do Canindé, en São Paulo, de 1955 a 1960. La investigación seguirá los procedimientos de una investigación bibliográfica cualitativa interpretativa, el trabajo se basará en los aportes teóricos de Benedito Nunes (1988), Antonio Jardim (2013) y Anthony Giddens (1991). Al final de la obra, observamos que el tiempo en la obra se construye en ciclos y cuando leemos la obra con otras definiciones de tiempo en mente, nos acerca a lo vivido por el personaje.

**Palabras llave:** Tiempo; Carolina; Cuarto de despejo.

## SUMÁRIO

|                                                                       |    |
|-----------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO .....                                                      | 09 |
| 1.TEMPO, MITOLOGIA E SOCIEDADE: DA GRÉCIA AOS DIAS ATUAIS ...         | 11 |
| 2.TEMPO NAS ARTES: LITERATURA .....                                   | 17 |
| 3.TEMPO NA OBRA <i>QUARTO DE DESPEJO</i> .....                        | 19 |
| 3.1 CONSTRUÇÃO DO TEMPO NA OBRA: CICLOS, FOME E<br>SOBREVIVÊNCIA..... | 19 |
| 3.2 TEMPO LITERÁRIO NO QUARTO DE DESPEJO.....                         | 32 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                             | 35 |



## INTRODUÇÃO

O tempo é considerado um dos elementos essenciais da narrativa, pois ele faz parte das ações da obra literária. Geralmente estamos acostumados a observar o tempo cronológico o qual pode ser mensurado por horas, dias, meses, anos, pelas estações da natureza e até mesmo pela história; e o psicológico que é avaliado a partir dos sentimentos e vivências subjetivas.

Mas o tempo pode ser influenciado e moldado de acordo com o espaço, história, sociedade, política, as vivências e a ótica do próprio indivíduo. E, assim, esses fatores podem proporcionar novas perspectivas que vão além das que estamos habituados a observar.

Dessa maneira a presente pesquisa tem como propósito analisar a temporalidade na obra de *Quarto de despejo*, a partir do seguinte questionamento: como o tempo se constrói no decorrer da narrativa? Como a personagem se relaciona com o tempo? Ao que o tempo está associado? O que podemos perceber do tempo a partir dos acontecimentos relatados por Carolina?

Nesta perspectiva, o objetivo dessa pesquisa é, considerando elementos da narrativa, desenvolver reflexões sobre o tempo na obra *Quarto de despejo*, sob a perspectiva da descrição da rotina que a vida na favela oferecia para a personagem. Identificar de que forma o tempo influencia a vida de Carolina, observar como a personagem se relaciona com o tempo, analisar como o tempo se constrói durante a narrativa, propor uma interpretação a partir das manifestações de temporalidade presentes na obra.

O interesse em desenvolver essa pesquisa advém do fato de propor uma reflexão a respeito do tempo na narrativa a partir de outras compreensões de tempo que a narração pode oferecer. Enxergando-o como um elemento de grande importância na percepção e reflexão da obra literária juntamente com todos outros fatores que ela apresenta no decorrer da narrativa. E assim, a partir desse elemento possamos perceber e refletir a respeito da construção da obra literária. Ademais, em levantamento preliminar de pesquisas sobre a obra *Quarto de despejo*, percebeu-se o predomínio de trabalhos que enfocam a vida da autora

e não a obra em si. Consideramos, pois, que será uma contribuição crítica relevante ao tratar de questões da narrativa com um foco mais direcionado a obra literária de Carolina Maria de Jesus.

Dessa forma, para fazer a análise da obra será levada em consideração a ótica e descrição de Carolina sobre a vivência dela na Favela do Canindé, na cidade de São Paulo, entre os anos de 1955 a 1960, considerando as ações, sentimentos e reflexões descritas pela personagem.

Para isso, o trabalho será baseado nos aportes teóricos de Benedito Nunes (1988), crítico literário e filósofo que discorre acerca das formas em que o tempo se organiza e se apresenta nas artes, mas em especial de que maneira ele materializa-se na literatura e como pode ser identificado e analisado nela. Também utilizaremos Antonio Jardim (2013) que trata da questão do tempo espaço a partir da Grécia Antiga e Anthony Giddens (1991), que aborda a questão da supressão do espaço e o tempo na modernidade.

A pesquisa seguirá os procedimentos de uma pesquisa bibliográfica qualitativa interpretativa, pois será desenvolvido a partir da obra *Quarto de despejo* e de teóricos da literatura. Em um primeiro momento será realizada uma leitura minuciosa da obra literária e, posteriormente, um exame de livros e artigos científicos sobre o tema abordado que ajudarão na interpretação da obra. Seguindo os pressupostos de Antonio Candido (2006) que propõe uma leitura da obra literária que leve em consideração a sua estética, autonomia para que o caráter literário não seja anulado e subordinado a outras disciplinas, e sim a obra literária seja vista como objeto central no qual outras áreas são subordinadas a ela.

## **1. TEMPO, MITOLOGIA E SOCIEDADE: DA GRÉCIA ANTIGA AOS DIAS ATUAIS**

Podemos identificar o tempo como uma sucessão de eventos, uma sucessão de dias, horas, meses, mas talvez não consigamos defini-lo. É possível dizer que o tempo faz parte de uma das instâncias em que perpassa a percepção humana do existir, mas as maneiras abstratas que desenvolvemos para compreendê-lo nos afasta em certa medida da sua essência, pois nenhum número será capaz de traduzir em sua completude o que foram dez anos, dois minutos, uma hora vividos. Porém de acordo com que nos é apresentado e a forma em que vivemos temos a cronologia como a concretude do tempo que acaba se sobrepondo a outras formas de compreensão temporal. Entretanto, ao ficarmos entre os conceitos temporais sua concretude e abstração nos traz dificuldade de escolher um conceito e chegar a uma conclusão do que é o tempo. Santo Agostinho fala um pouco sobre essa dificuldade de definirmos o tempo:

Que é, pois, o tempo? Quem o poderá explicar facilmente e com brevidade? Quem poderá apreendê-lo, mesmo com o pensamento, para proferir uma palavra acerca dele? Que realidade mais familiar e conhecida do que o tempo evocamos na nossa conversação? E quando falamos dele, sem dúvida compreendemos, e também compreendemos, quando ouvimos alguém falar dele. O que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem me pergunta, não sei. (2007, p.120)

Na citação de Agostinho, podemos perceber que todos temos conhecimento do tempo de alguma maneira, mas a compreensão do que ele é ou pode vir a ser é individual. Apesar de termos concepções de tempo que sejam iguais, a forma que uma pessoa sente e se relaciona com o tempo pode não ser a mesma que para outra pessoa.

Ao pensarmos em tempo, a nossa forma de entender e lidar com ele sempre será influenciada pela sociedade em que vivemos, a cultura que estamos inseridos, a língua que falamos e a nossa individualidade, nossa forma de ser e de nos expressar no mundo. Fazendo com que surjam percepções e compreensões diferentes, nos impossibilitando de chegarmos a uma definição unânime, precisa e exata do tempo. Mas as possibilidades de compreensão nos

levam às respostas que podem nos trazer novos conhecimentos ou repensar os que já conhecemos. Pois, apesar do tempo ser indefinível ele precisa ser pensado já que faz parte da nossa vida.

Ao longo dos anos, várias civilizações tiveram as suas formas de se relacionar com o tempo, seja explicando a partir de mitos, criando formas de identificação e mensuração de tempo, como calendários e relógios, a partir da língua, com identificadores temporais nas formas verbais, da religiosidade entre outros fatores, até que chegasse nas formas que conhecemos hoje.

Para vermos essas mudanças voltaremos à Grécia Antiga, que é uma das civilizações antigas mais conhecidas. Na mitologia grega, segundo a teogonia de Hesíodo tudo começou com o Caos, que era o tudo e o nada, dele emergiu Gaia a terra, ela, por sua vez, gerou espontaneamente Uranos, o céu.

Em seguida, Gaia e Uranos de se unem e o cosmos passa ser regido por Urano, que governava de forma tirana e em decorrência disso é destronado pelo filho, Cronos, que e corta os testículos de seu pai, e Urano roga uma maldição sobre o filho dizendo ele também seria destronado por seus filhos.

Cronos passa a reger o cosmos como soberano e teme a profecia de seu pai e passa a devorar todos os filhos assim nasciam para que não fosse destronado por eles. Réia, esposa de Cronos, depois de ver cinco filhos serem devorados esconde o filho, Zeus, na ilha de Creta, deixando-o aos cuidados de Gaia e das ninfas, e entrega uma Pedra a Cronos no lugar do filho.

Quando Zeus atinge a idade adulta liberta seus irmãos e trava uma guerra com Cronos que dura dez anos e tem como resultado a derrota de Cronos que fica preso no Tártaro. Ao final da guerra, o mundo está totalmente destruído fazendo com que Zeus e seus irmãos, os chamados Deuses Olímpicos, tenham que reconstruir o mundo. Eles também fazem do monte Olimpo sua morada e para evitar um reinado despótico eles decidem dividir o poder entre si.

A partir da história da criação segundo os gregos acompanhando esses três ciclos. No início da organização do cosmos com Gaia e Uranos, podemos dizer que foi o momento em que uma realidade passou a existir, porém o fato deles se unirem fazia com que houvesse uma certa indistinção entre céu e terra,

ameaçava a ordem do cosmos e impedia o tempo de passar livremente. Com a intervenção de Cronos e a separação Gaia e Urano o tempo, começa a circular livremente e surge agora um novo soberano. Promovendo, assim, uma reconstrução que gera uma nova ordem.

Dessa forma podemos associar o fato de Cronos devorar os filhos ao que ao passo que ele gera ele também nos devora e em algum momento todos nós seremos devorados pelo tempo, já que somos seres finitos e deixaremos de existir algum dia. Porém, mesmo diante de sua imponente, não precisamos ficar estáticos diante dele, podemos reagir de alguma forma, enfrentá-lo tentar estabelecer um novo ciclo e uma nova ordem e assim nos libertar. Também podemos observar a questão de que Cronos gera vida, mas também devora, a todo momento estamos nesse impasse, por exemplo quando comemoramos nosso aniversário podemos dizer que temos mais ano de vida, mas também podemos dizer que temos menos um ano de vida. É algo que nos é dado ao passo que também nos é tirado dependendo do ponto de vista.

Também podemos associar ao período que somos obrigados a ficar à mercê de terceiros e não temos liberdade para decidir o que fazer com o nosso tempo, quando estamos vivendo sob a supervisão dos nossos pais e não podemos fazer o que quisermos e só temos autonomia para tal quando atingimos a maioridade. Pois, quando Zeus e seus irmãos enfrentaram o pai, já estavam na fase adulta e poderiam ter domínio sobre si e decidir o que fazer com o tempo. Assim, ao vencê-lo, Zeus torna-se o novo soberano e pode agir livremente. Ou quando chegamos à idade adulta e por diversos motivos precisamos deixar o nosso tempo a cargo de outras pessoas ou de funções, e trabalhos que não gostaríamos de nos debruçar tanto sobre eles.

Por sua vez, os Olímpianos precisam refazer o mundo, mas é importante ressaltarmos que Cronos e Zeus não foram os criadores originais do cosmos. Mesmo que em alguns períodos eles tenham assumido um papel importante de agentes criadores, transformadores e estabelecedores de uma ordem cósmica em alguns momentos cruciais. Quando eles surgiram o mundo já tinha sido criado,

dessa forma desde a noção de existência aconteceram dois ciclos de construção e reconstrução da ideia de tempo.

Diante disso, podemos dizer que a nossa relação com o tempo vai se modificando desde que passamos a fazer parte do mundo de alguma forma, ela vai se construindo e reconstruindo ao longo da nossa vida de acordo com a relação que estabelecemos com ele. Ora, estamos sujeitos a ele a vontade de outros que tem certo domínio sobre nós e, conseqüentemente, sobre o nosso tempo, ora temos pleno domínio para decidir o que fazer promovendo assim uma construção e desconstrução do tempo na qual algumas coisas permanecem e outras são destruídas e renovadas.

A partir da mitologia, os Gregos estabeleceram a sua forma de entender e se relacionar com o tempo. Segundo Jardim (2013), para os gregos o tempo era compreendido como Khrónos, Hóras, Kairós e Aión. E essas compreensões atuavam tanto de forma simultânea como em separado. Assim, Khrónos e Hóras estavam relacionados com o tempo medido e as suas divisões como períodos, anos, meses, dias, parecido com a forma que organizamos o tempo atualmente.

De acordo com Brandão (2000), apesar de Cronos (Deus) e Khrónos (tempo) não terem uma ligação etimológica, foram associados devido a escrita ser parecida, fazendo com que Cronos fosse identificado como o tempo personificado. Cronos é tempo corrente, rotineiro o qual pode ser ordenado pelo relógio, em que as horas, minutos, dias, anos que se sucedem são idênticos, pois são todos medidos da mesma maneira. Já as Horas era um grupo de Deusas responsáveis pela ordem natural das coisas, elas estavam ligadas à natureza e presidiam os ciclos das estações climáticas, do ano e do dia. Sobre a junção de Khrónos e Hóras, Jardim (2013) afirma que foi a união deles que tornou dominante a compreensão de passado, presente e futuro vigente como representação do tempo ideal até hoje.

Ou seja, dessa organização temporal surgiu a compreensão do passado, como aquilo que ficou para trás; o presente, seria o que estamos vivenciando agora e o futuro como o que virá, o que está à nossa frente.

Kairós estava relacionado ao tempo do oportuno, momento adequado, a mitologia o retrata como um jovem calvo na nuca e com uma mecha de cabelo na testa além de asas nos ombros e nos calcanhares. Ele ser retratado com essa aparência se relaciona ao fato dele passar tão rapidamente que só poderia ser pego quando viesse ao nosso encontro, ficando cara a cara conosco pois assim poderia ser segurado pela mecha de cabelo de sua testa, porém, depois de passar, não podemos agarrá-lo novamente já que tinha a nuca calva. Ainda sobre Kairos Jardim pontua:

O Kairós era e é o tempo do instante, do oportuno, do agora. Irredutível às medições, já que, ao se tentar medi-lo, ele já se deu e não voltará a se dar jamais do mesmo modo. O Kairós é o tempo do riso, do sorriso, da piada. Se o riso não for provocado naquele instante, terá se perdido para sempre. O entendimento ou a explicação, vindos necessariamente a posteriori, são capazes de nos fazer entender a piada, porém nunca mais nos fará rir dela. Tanto é assim que só contamos, só fazemos em nós memória, as piadas de que rimos com a espontaneidade advinda do Kairós. Depois, bem... Depois já é depois. (JARDIM, 2013, p. 53)

Kairós simplesmente acontece, não tem hora nem lugar marcado, pode ocorrer a qualquer momento, esse caráter instantâneo de Kairós pode nos ajudar a enfrentar o Cronos. Pois, ao nos desvencilharmos dos fardos do passado, do presente e da antecipação do futuro, ficamos mais atentos às oportunidades que estão passando por nós e podemos aproveitá-las.

E o Aión está relacionado ao tempo vivido, aquele que não vemos passar ou que não passa nunca. É o que faz horas se transformarem em minutos, quando assistimos a um bom filme, ou quando estamos na companhia de alguém que gostamos e minutos se transformarem em horas quando estamos numa fila de espera em um hospital esperando para ser atendido, ou esperando uma notícia muito importante.

Modernamente foi “reinventado”, equivocadamente, como tempo psicológico. De qualquer modo, o melhor seria entendê-lo como – o tempo do que é próprio e não pode nunca deixar de sê-lo. O Aión é o tempo em que vigora, o mais concretamente possível, o real e no real, porque é o tempo que não tem como ser representado. É impossível convertê-lo em outra coisa que real, em outra coisa que concreto. A abstração, qualquer que seja, não deu, não dá e nem dará jamais conta do Aión, uma vez que ele nunca se deixará aprisionar por qualquer tipo

de razão instrumental, a principal e dominante em nossos dias. O Aión não é um meio de medida, é um acontecimento que se torna vigente e que dele não temos nem podemos ter controle. Ele apenas é ! E é nesse ser que ele se dá e se deixa dá. (JARDIM, 2013, p. 54)

Nenhum relógio ou qualquer outra unidade conseguirá medir o nosso tempo individual das experiências que vivenciamos. Pois ainda que Khrónos e Horas nos mostrem uma sucessão de acontecimentos e convertam em números a duração de cada acontecimento, eles não conseguem traduzir o Aión em sua completude. Está além de seus limites e capacidades quantificar com exatidão a felicidade, a tristeza, a alegria e tudo mais que a realidade pode nos proporcionar e a forma que irá nos impactar.

Algumas dessas compreensões temporais sobreviveram e se transformaram, assim como surgiram outras a partir delas. Séculos à frente, a relação do tempo com os ciclos naturais e o espaço se intensificaram e eclipsaram Kairós e Aión. Os ciclos naturais do dia e das estações determinavam o ritmo de vida. Depois com o surgimento do capitalismo e a padronização do calendário e também do tempo a partir do relógio mecânico fez essa relação com o tempo ser modificada novamente. A separação entre tempo e espaço denominado por Giddens (1991), como mecanismos de desencaixe é a dissociação do tempo com os ciclos naturais e a associação com os ciclos de funcionamento das fábricas e meios de produção.

Separação essa que de certa forma é ilusória, visto que todo tempo se passa em um espaço e em todo espaço tem a presença de tempo. Isso porque em qualquer lugar que estivermos haverá um tempo que estará passando, seja ele cronológico ou não, e qualquer tempo estará se passando em algum lugar, seja ele físico ou não. Mas a dissociação desses dois elementos nos deixou cada vez mais presos ao Khronos, que atualmente é determinado pelo mundo dos negócios capitalista e nos controla e de certa forma nos devora assim como no mito.

Nos afastando ainda mais de outras possibilidades de compreensão temporal que não seja a cronológica. Não que elas tenham deixado de existir, pois o Kairós e o Aión ainda estão presentes em nossas vidas por mais que não

recebam tanta atenção ou que não sejam denominados dessa forma. Mas em um mundo tão mecanizado, é preciso que voltemos a nossa atenção novamente para outras maneiras de ver e entender o tempo, para que não nos deixemos ser tiranizados por Cronos.

## **2. O TEMPO NAS ARTES: LITERATURA**

Nas artes também teremos uma relação estreita entre tempo e espaço, pois eles estão interligados e não há uma separação entre esses elementos. E a literatura traz em si essa junção de tempo e espaço a partir da palavra que é sua matéria prima e se materializa a partir da língua, seja ela escrita ou oral.

A princípio quando procuramos saber sobre tempo na literatura logo nos apresentam a ideia de tempo cronológico, aquele que pode ser mensurado, que podemos identificar no calendário ou no relógio e tempo psicológico como aquele que não pode ser mensurado, pois se passa no consciente ou inconsciente do narrador ou da personagem. A partir dessas divisões temporais que conhecemos a princípio percebemos que na literatura o tempo não é único, entretanto, há outras definições.

De acordo com Nunes (1988), o tempo na literatura pode se subdividir em três planos que são: tempo da história, do ponto de vista, do conteúdo, que pode ser pluridimensional, pois muitos eventos podem desenrolar-se simultaneamente. Sobre o tempo da história também podemos associá-la ao número de páginas, ou seja, se uma obra literária tem 300 páginas podemos dizer que o tempo da história é de 300 páginas. O tempo do discurso, que está ligado a ordem que a história nos é apresentada, dessa forma pode ser que o início não esteja no início e o final não esteja no final. Temos como exemplo a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em que a história começa a ser contada pelo final ou em obras que muitos acontecimentos se desenrolam simultaneamente, mas os fatos nos são apresentados em sequência, um após o outro. E por último temos o tempo do narrador, que está relacionado a forma em que a história nos será apresentada, em primeira pessoa, em terceira pessoa entre outras.

Em alguns momentos, essas três instâncias podem estar em harmonia, seguindo direções semelhantes na qual há uma linha tênue entre que separam, ou que nos fazem identificá-las separadamente. Em outros, essas instâncias estão em colisão seguindo direções opostas e podemos percebê-las de forma separada.

Além dos tempos levantados por Nunes, temos também o tempo do leitor, que será influenciado pela experiência literária que obra que lida por ele oferecer, pois cada obra literária traz uma possibilidade de experiência temporal que vai se diferenciar das demais e mudará de acordo com o leitor e com a obra e também o seu ritmo de leitura.

Porém, há algo que conecta todos esses tempos descritos acima que é a ideia de um tempo cronológico que nos domina. E, pensando nesse tempo fixo que nos rege, a literatura surge como uma forma de resposta a ele propondo e nos mostrando outras possibilidades, testando formas de fazer com que o tempo possa funcionar de outra maneira. Uma tentativa de manipular aquilo que aparentemente nos manipula e de nos permitir reinventá-lo.

A literatura nos permite entrar em contato com uma narrativa que tem uma ordem, um início, meio e fim. Mas não necessariamente precisa segui-la, o início pode não começar pelo início e o fim pode não terminar pelo fim e pode criar outros caminhos para transitar entre esses tempos, espaços.

E a narrativa vai nos indicar caminhos que podemos trilhar para conhecer a história a partir da ordem que os fatos nos são apresentados, da forma e do ponto de vista.

### 3. TEMPO NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*

Dessa forma, partimos para a obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. Publicado em 1960, é um romance autobiográfico e, por isso, as linhas entre autor, narrador e personagem se confundem e não são muito claras. A obra traz a narrativa de Carolina sobre o seu dia a dia na favela do Canindé, que se localizava às margens do rio Tietê, na cidade de São Paulo. Ela relata acontecimentos de 1955 a 1960, que abordam questões sobre as dificuldades do seu trabalho como catadora de lixo, a fome, miséria e violência que os moradores daquela favela vivenciavam diariamente.

A obra é escrita em forma de diário, e essa estrutura faz com que o tempo cronológico ganhe destaque com uma linearidade bem-marcada, porém descontínua com alguns saltos de dias que não causam desconforto por mostrar uma rotina massacrante e muito difícil que se repete diariamente. Ao longo da obra somos convidados a mergulhar na rotina de Carolina, como ela organiza seu tempo para atender as demandas dos filhos, da casa, do trabalho e da sua paixão pela leitura e escrita. E consequentemente a rotina da favela, das ruas de São Paulo de acordo com os acontecimentos relatados pela autora.

Literariamente ao longo das 191 páginas em que a obra transcorre podemos dizer que o tempo da história, do discurso e da narração seguem em harmonia. A narrativa nos apresenta os acontecimentos na sequência cronológica, os fatos narrados seguem a mesma ordem, tornando confusa a linha entre essas três instâncias.

#### 3.1. CONSTRUÇÃO DO TEMPO NA OBRA: CICLOS, FOME E SOBREVIVÊNCIA

A partir dos relatos de Carolina vemos como uma série de ciclos que vão se construindo diariamente e que mantem a existência do quarto de despejo em que muito acontece e nada se altera. Trazendo uma sensação de estagnação e que apesar do desejo de mudança da narradora, não há nenhuma perspectiva de que esse quadro possa ser modificado. São ciclos que se repetem de várias formas diferentes como veremos no trecho a seguir:

16 de julho – [...] Fui buscar água. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comessem carne com farinha... sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão e sabão e leite para Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo e estou sempre em falta. [...] Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os pessimos vizinhos que não dão socego aos meus filhos. (JESUS, 1960, p.12)

A princípio podemos observar nesse trecho a construção temporal apresentada por Carolina a partir da construção da linguagem e da construção textual com uma sequência de períodos curtos em que há uma alternância entre presente e passado. Nos mostrando a princípio uma sequência de pequenas ações as quais fazem parte de um todo e vão se unindo, mas que ao se reunirem e se tornarem contínuas começam a trazer um certo peso e cansaço.

Além disso, outro fator da construção linguística que nos mostra a construção temporal de Carolina e como ela se relacionava com o tempo é a partir das formas verbais empregadas com predominância do passado e do presente como “Fiz”, “Avisei”, “cato”, “permaneço” ao longo da obra. A qual mostra uma relação de urgência com o tempo e que tudo é organizado a curto prazo, mesmo o passado em muitos momentos não se refere a algo distante, a maioria das vezes refere-se a algo recente, bem próximo ao presente e o presente não constrói faz nenhuma ponte para um possível futuro, algum plano para ser realizado mais à frente.

Nesse trecho também podemos observar um dos primeiros ciclos que aparecem é o da rotina diária de Carolina, no fragmento acima percebemos que o tempo dela se divide entre o trabalho de catadora de lixo, lavadeira, os cuidados da casa, e as preocupações sobre a segurança dos filhos enquanto ela está fora de casa trabalhando e em como conseguir dinheiro. São atividades diárias que ela precisa realizar para ter o mínimo em casa e conseguir cuidar dos filhos, mesmo que isso a deixe fora de casa por longos períodos.

Outro ciclo que percebemos ter uma grande importância no decorrer da obra são os ciclos naturais. As estações têm uma grande influência nas condições

de vida da narradora e de seus filhos por impactarem diretamente em seu trabalho, na saúde e locomoção.

13 de maio - ...Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. (JESUS, 1960, p.30)

Podemos ver que a personagem observa esse ir vir das estações e de suas predominâncias, e ela ressalta isso na chegada do inverno que era a época na qual as privações que Carolina e sua família passavam tendiam a ficar mais acentuadas. Vemos essa observação dela no trecho a seguir:

20 de maio - [...] Amanheceu garoando. O sol está elevando-se. Mas o seu calor não dissipa o frio. Eu fico pensando: tem época que é o sol que predomina. Tem época que é a chuva. Tem época que é o vento. Agora é a vez do frio. Entre eles não pode haver rivalidades cada um por sua vez. (JESUS, 1960, p. 37)

Essas mudanças de estação fazem parte do dia a dia da personagem, e impactam diretamente a vida e o trabalho dela. Com a repetição desses ciclos temos também a repetição das dificuldades que cada um deles traz. No caso de Carolina o inverno era mais difícil já que nessas situações a fome tornavam-se mais recorrentes, pois, a impedia de sair para trabalhar e conseguir dinheiro para comprar comida para ela e os filhos como podemos ver nos seguintes trechos:

22 de maio - Eu hoje estou triste. Estou nervosa, não sei choro ou saio correndo sem parar até ficar inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo e eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos (JESUS, 1960, p.41)

29 de outubro - (...) Quando chove eu fico quase louca porque não posso ir catar papel para arranjar dinheiro.  
...Eu sinto muito frio. Costumo vestir três palitô. E tem pessoas que me vê na rua e diz:  
- Como você engordou!  
Já se foi o tempo que a gente engordava. (JESUS, 1960, p.129)

No inverno Carolina e a família ficam em uma situação ainda mais degradante, pois sem condições de ir trabalhar, e conseqüentemente não

conseguir ter dinheiro para comprar alimento para ela e os filhos, obrigam ela a procurar outros meios para trazer comida para casa com mais frequência. O que coloca em xeque a sua dignidade como podemos ver no seguinte trecho:

14 de Junho - ... Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso uniforme dos indigentes. E hoje é sábado. Os favelados são considerados mendigos. Vou aproveitar a deixa e saí. A vera não vai comigo porque está chovendo (...) Ageitei um guarda-chuva velho que achei no lixo e saí. Fui no frigorífico, ganhei uns ossos. Já serve. Faço uma sopa. (JESUS, 1960, p. 61)

Nos dias em que o clima se mostrava favorável Carolina tinha dificuldades para conseguir o mínimo, durante o inverno a situação ficava ainda mais complicada para ela conseguir ter ganhos o suficiente para suprir as suas necessidades básicas relacionadas a alimentação e higiene.

Assim, seguimos para outro ciclo, o político, que entrava em ação nos anos de eleição e candidatos que iriam concorrer às eleições aproveitavam essa época para se aproximar das pessoas que moravam nas favelas e conseguir votos como vemos no trecho abaixo:

28 de maio - ...Os vizinhos ricos de alvenaria dizem que nós somos protegidos pelos políticos. É engano. Os políticos só aparecem aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais. Este ano já tivemos a visita do candidato a deputado Dr. Paulo de Campos Moura, que nos deu feijão e ótimos cobertores. Que chegou numa época oportuna antes do frio. (JESUS, 1960, p. 47-48)

Os ciclos políticos influenciam a vida de Carolina, pois eles constroem e se mantêm com a ajuda dos habitantes dos quartos de despejos que são usados durante essa época. Assim, mesmo que de tempos em tempos tenha o renovo político é apenas uma manutenção para que tudo permaneça igual:

15 de maio - ... Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O senhor Cantídio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com as nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Câmara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais. (JESUS, 1960, p. 32)

19 de maio - ...Lavei o assoalho porque estou esperando a visita de um futuro deputado e ele quer que eu faça uns discursos para ele. Ele pretende conhecer a favela, que se for eleito há de abolir as favelas. (JESUS, 1960, p.35)

Carolina, assim como os outros moradores dos quartos de despejo, observavam essa roda eleitoral e sua repetitividade. Uma campanha eleitoral com candidatos que levantavam pautas a respeito das favelas mostrando um real interesse por aquele lugar e pela realidade daquelas pessoas, trazendo propostas de promover mudanças naquele lugar e na condição de vida dos moradores das favelas trazendo esperança para eles do início de um novo mandato político com pessoas que iriam representar os interesses do povo que o ajudou a se eleger. Porém ao perceber que foram enganados e verem o contínuo discurso de promessas que nunca se cumpriam, ela percebeu que apesar das esperanças de mudança tudo continuaria igual. Como podemos ver nos seguintes trechos:

23 de maio - ... Nas ruas e casas já se vê as faixas indicando os nomes dos futuros deputados. Alguns nomes já são conhecidos. São reincidentes já que foram preteridos nas urnas. Mas o povo não está interessado nas eleições, que é o cavalo de Troia que aparece de quatro em quatro anos. (JESUS, 1960, p.43)

21 de maio - ...De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que matriz nas favelas e as sucursaes nos lares dos operarios.  
... Quando fui buscar água vi uma infeliz caída perto da torneira porque ontem dormiu sem jantar. É que ela está desnutrida. Os medicos que nós temos na política sabem disto. (JESUS, 1960, p.40)

E assim chegamos à construção e permanência de outro ciclo que é o da fome. Ao longo da obra vemos que a batalha diária de Carolina contra a fome, ela trabalha “hoje” para comer “hoje” e se possível ter algo para amanhã até o horário em que ela vai sair novamente para trabalhar. E é uma preocupação que se torna mais perturbadora pelo fato dela ter filhos, e eles serem uns dos mais afetados caso ela não consiga trazer o necessário para casa. E acaba por tornar-se um peso muito grande para a personagem.

1 de agosto - Eu deitei mas não dormi. Estava tão cansada. Ouvi um ruído dentro do barraco. Levantei para ver o que era. Era um gato. Eu ri, porque não tenho nada para comer. Fiquei com dó do gato. (JESUS, 1960, p.186)

31 de julho - ...Quando cheguei em casa estava com tanta fome. Surgiu um gato miando. Olhei e pensei: eu nunca comi gato, mas se este estivesse numa panela ensopado com cebola, tomate, juro que comia. Porque a fome é a pior coisa do mundo.  
...Eu disse para os filhos que hoje nós não vamos comer. Eles ficaram tristes. (JESUS, 1960, p.186)

Vemos que a fome permanece, mas as percepções mudam em relação aos acontecimentos semelhantes, enquanto no primeiro trecho ela vê a situação com uma certa ironia e enxerga o gato como mais alguém que está com fome, outro dia quando algo parecido acontece ela já pensa diferente a respeito da presença do gato que aparece em sua casa vendo o animal como uma possibilidade de alimento para saciar a sua fome.

22 de junho - ...Saí triste porque não tinha nada em casa para comer . Olhei o céu. Graças a Deus não vai chover. Hoje é segunda-feira. Tem muitos papeis na rua. No ponto do bonde, eu me separei da Vera. Ela disse:

- faz comida, que eu vou chegar com fome.

A frase comida ficou eclodindo dentro do meu cérebro. Parece que o meu pensamento repetia:

Comida! Comida! Comida!

Dizem que o Brasil já foi bom. Mas não sou da época do Brasil bom ... Hoje eu fui me olhar no espelho. Fiquei horrorizada. O meu rosto é quase igual ao da minha saudosa mãe. E estou sem dente. Magra. Pudera! O medo de morrer de fome! (JESUS, 1960, p.175)

Nesse último trecho vemos a repetição diária do quadro de fome e também presenciamos a ideia utópica de um Brasil bom, próspero e farto no qual todos viviam bem, mas que ninguém lembra de ter vivido ou conhecido essa tal época tão falada. Além disso, podemos ver como todas essas dificuldades e esse tempo vivido por Carolina ficou nela a partir das marcas que ele deixou, o horror que ela sente ao ver o resultado desse tempo em seu rosto e também o reflexo do seu medo da fome.

Essa preocupação com a falta de comida fica mais intensa próximo aos fins de semana, já que o trabalho dela depende do horário comercial. Fazendo

com que Carolina precise conseguir dinheiro para dois dias e tenha que trabalhar o dobro.

31 de maio - Sabado - o dia que fico louca porque preciso arranjar o que comer para sabado e o domingo. [...] Fiz o café, e os pães que eu ganhei de ontem. Puis o feijão no fogo. (JESUS, 1960, p.47)

9 de agosto - Deixei o leito furiosa. Com vontade de quebrar tudo. Porque eu só tinha feijão e sal. E amanhã é domingo. [...] ... Aqui na favela está um reboliço. É que o deputado Francisco Franco deu material para terminar a sede do Rubro Negro. Deus as telhas e as camisas e o povo fala diariamente neste deputado. (JESUS, 1960, p.108)

Nesse trecho podemos ver também a circularidade da produção que temos na modernidade apontada por Giddens, quando ele pontua sobre o esvaziamento do tempo e espaço em função da produtividade. Essa organização faz com que Carolina precise começar todos os dias do zero seguindo um ritmo de trabalho exaustivo, além de colocá-la em uma situação que as condições não a beneficiam e também não a recompensam de forma justa financeiramente e nem permitem que ela possa ter uma pausa.

Toda a rotina de Carolina dedicada ao trabalho e consequentemente a conseguir o que comer. Essa tentativa diária de escapar da fome e conseguir ter o mínimo para ela e a família consome boa parte do tempo da narradora. Ao longo da obra vemos que tudo o que ela tem e que importa é o presente, o agora. Ela e os filhos precisam sobreviver hoje para que possam ter um amanhã. A manutenção dessa situação como podemos ver influencia e afeta a forma com que a personagem se relaciona com o tempo.

2 de junho - ... De manhã estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer.

16 de julho - ...O João José veio avisar-me que a perua que dava dinheiro estava chamando para dar mantimentos. Peguei a sacola e fui. Era o dono do Centro espírita da rua Vergueiro 103. Ganhei dois quilos de arroz, idem de feijão e dois quilos de macarrão. Fiquei contente. A perua foi embora. O nervoso que eu sentia se ausentou.

Como podemos observar essa relação que Carolina estabelece de certa forma com o tempo está ligada à questão da alimentação. Se ela e a família tem como se alimentar naquele dia, ela fica mais calma e toda perspectiva em relação ao dia muda completamente.

24 de julho - ... Depois de conseguir algumas coisas para os meninos comer. Reanimei-me. Acalmei o espírito. Fui no senhor Manuel vender as garrafas. Ganhei 22 cruzeiros. Comprei 10 de pão e um cafezinho.(JESUS, 1960, p. 100)

18 de setembro - Hoje eu estou alegre. Eu estou procurando aprender viver com o espírito calmo. Acho que é porque estes dias tenho tido o que comer. (JESUS, 1960, p. 121)

Essa rotina continua passa a afetar o emocional da narradora, que está ligado diretamente a ter o que comer, em alguns momentos parece feliz e tem esperanças de conseguir ganhar o suficiente no trabalho, em outros está extremamente desesperada. A cada dia que passa percebemos o quanto ela está presa a essa situação, e que vai sendo consumida pelo trabalho, pela fome, por aquele lugar e aos poucos vai se perdendo também.

13 de maio - ...Eu tenho dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:

- Viva a mamãe!

A manifestação me agrada-me. Mas já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida.(JESUS, 1960, p.30)

24 de julho - Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome. (JESUS, 1960, p.99)

A continuidade desse quadro de fome vai exaurindo a personagem e faz com que ela tenha pensamentos recorrentes de suicídio como uma forma de escapar da fome e depois também como um jeito de livrar os filhos desse mesmo mal.

28 de julho - ...Deixei o João e levei só a Vera e o José Carlos. Eu estava tão triste! Com vontade de suicidar. Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até a morte deve ser considerado herói [...]. (JESUS, 1960, p.102)

16 de junho - ... Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (JESUS, 1960, p.174)

Mesmo que sejam pensamentos que rapidamente se dispersem e Carolina logo volte a si e mude de ideia, a falta de possíveis soluções para a fome que ela e os filhos enfrentam diariamente trazem uma angústia permanente à qual faz a narradora considerar essa possibilidade em alguns momentos apesar de não cometer o ato.

Essa situação traz para ela também uma sensação de frustração, pois apesar de uma jornada de trabalho exaustiva e todo esforço que ela faz ao longo do dia não traz um retorno que seja equivalente ou pelo menos satisfatório como podemos ver no trecho a seguir:

11 de dezembro - ...Comecei queixar para a Dona Maria das Coelhas que o que eu ganho não dá para tratar os meus filhos. Eles não tem roupas nem o que calçar. E eu não paro um minuto. Cato tudo que se pode vender e a miséria continua firme ao meu lado. Ela disse-me que já está com nojo da vida. Ouvi seus lamentos em silêncio. E disse-lhe:  
— Nós já estamos predestinados a morrer de fome! (JESUS, 1960, p.142)

É como se o tempo de Carolina fosse constantemente roubado, já que mesmo ela se dedicando diariamente ao trabalho como uma tentativa de sair da situação de miséria e vulnerabilidade que afeta ela e sua família, ela sempre precisa fazer mais e precisa começar do zero todos os dias. Assim, ao longo da obra vemos ela voltar boa parte da sua atenção para formas de sair dali e conseguir sobreviver mais um dia e assim vão se passando semanas, dias e anos nos quais ela foi sendo furtada aos poucos, a alegria, a saúde, a esperança até mesmo a beleza. Dias esses em que ela não conseguiu dedicar a muitas outras tarefas simples, ou que teve um descanso merecido.

Em meio a toda essa dificuldade, os dias de trabalho exaustivos, as preocupações diárias muitas vezes impediam Carolina de apreciar pequenos acontecimentos, viver momentos agradáveis, ter um tempo de descanso ao qual

ela pudesse dedicar atenção a simples acontecimentos que fazem parte do cotidiano com mais calma e cuidado.

19 de maio - ... Eu ando tão preocupada que ainda não contemplei os jardins da cidade. É época das flores brancas, a cor que predomina. É o mês de Maria e os altares deve estar adornado de flores brancas. (JESUS, 1960, p. 36)

Todos esses ciclos estão ligados a um tempo cronológico os quais vão envolvendo e aprisionando Carolina de uma forma que ela não consegue se desvencilhar dele. Sua rotina se constrói a partir deles, e um ciclo vai puxando o outro. Carolina depende do pouco que ganha no seu trabalho como catadora de lixo que é a sua principal fonte de renda, das faxinas que faz e das roupas que lava.

Para fazer o seu trabalho, ela depende das questões climáticas que vão mudando ao longo do ano, pois a sobrevivência dela está ligada aos seus poucos ganhos diários. Se as condições climáticas estão boas, ela tem possibilidades de conseguir sair para trabalhar e também de ter mais material reciclável para vender e essas condições mudam de acordo com as estações do ano.

Além disso, Carolina organizava a sua rotina de trabalho de acordo com os horários comerciais e escolares que nem sempre a beneficiavam, pois eles não atendiam às suas necessidades em muitos momentos. Dessa forma, a dependência de um ciclo natural e de um tempo comercial para organizar sua rotina, conseguir trabalhar e ganhar dinheiro para comprar alimento e de acordo com eles ter uma necessidade de adequar outro ritmo de trabalho que mudava toda dinâmica e poderiam significar um dia a mais de fome ou um dia menos.

Os eventos que poderiam trazer mudanças ao renovar seus ciclos trazendo ares de esperança para ela e todas as pessoas que viviam na favela e passavam pelas mesmas privações apenas mantinha tudo como estava. Pelo fato de estar em uma situação de vulnerabilidade, os ciclos de fome se construíam e permaneciam assombrando Carolina e sua família que todos os dias tentavam fugir dele incessantemente e boa parte das vezes sem sucesso que infelizmente

vai se naturalizando e se tornando algo normal. O novo é quando ela e a família conseguem ter algo para comer.

Com a formação e manutenção de todos esses ciclos que se constroem ao longo da obra percebemos que a linearidade que nos é apresentada torna-se falsa e ilusória, pois não há uma evolução ao longo dos anos que Carolina nos conta suas vivências. Os dias e anos que ali estão registrados nos mostrando que o tempo está passando que há uma mudança de dias e anos contrastam com o que nos é apresentado pela narradora a qual está constantemente aprisionada.

Podemos associar esses ciclos e alguns participantes deles ao mito de cronos na qual apesar de algumas pessoas não serem as criadoras da situação em que Carolina se encontra, são mantenedores de uma ordem de uma continuidade, eles contribuem para que tudo permaneça como está. O que acaba aprisionando e consumindo todo tempo da narradora. Ao observarmos o tempo na obra podemos associá-los a alguns conceitos tratados por Jardim (2013), uma vez que a narrativa nos traz mais que o tempo cronológico.

Pois, a permanência da situação de vulnerabilidade da narradora e de sua família ao longo da obra faz com que os dias que estão ali indicando uma linearidade no que diz respeito a calendário e às vezes até as horas passem a chamar menos atenção em relação aos ciclos que aparecem na narrativa. Pois, por mais que sigamos uma ordem cronológica dos fatos ali narrados, a repetição do quadro de fome, abandono e violência ao qual Carolina é submetida faz com que passe a não fazer diferença se estamos lendo acontecimentos do dia 19 ou do dia 01, se estamos vendo acontecimentos de 1955 ou de 1958, e sim as vivências de Carolina e tudo que ela está fazendo para sobreviver, as observações que ela faz sobre o que está acontecendo na favela, as notícias que estão sendo comentadas, as atividades rotineiras e tudo aquilo que é vivido pela narradora, que vai muito além do que o relógio e calendário nos mostra.

Vemos como ela sobreviveu aquele dia, e todos os outros que ela relata encarando-os como hoje. É mais um dia que ela tenta sobreviver, mais um dia que ela trabalha, finalmente um dia que ela consegue algo, outro que ela não conseguiu o suficiente ou não conseguiu nada. Passamos a nos importar mais

com o que está sendo vivido por Carolina e a sua família, o que aconteceu na favela, o que ela viu enquanto trabalhava.

E por mais que toda essa vivência tenha uma data específica isso não importa. A data não conseguirá traduzir tudo o que foi vivenciado pela narradora, as horas, não traduzem a fome, o desespero, a preocupação que ela passa. Por mais presente que essas marcações temporais estejam ali de alguma forma para Carolina e para nós, e que tenha o seu valor na sociedade em que vivemos, na obra essas datações passam a ser algo menor diante do tempo vivido e que de certa forma não pode ser mensurado.

Em meio a tudo isso o que importa para Carolina é o hoje, a vida dela gira em torno do agora, pois é tudo que ela tem. Diferente do esperado em que o passado constrói uma ponte para o presente e o presente constrói uma ponte para o futuro, no quarto de despejo Carolina tem um presente que se constrói para o próprio presente e caso ela tenha sucesso consegue ter a possibilidade de ganhar um futuro e fazer dele seu novo presente. Não há pensamentos a longo prazo, planos para um futuro distante. E mesmo o passado quando é mencionado trata-se de algo recente.

### **3.2. TEMPO LITERÁRIO NO QUARTO DE DESPEJO**

Ao passo que vemos a personagem presa a essa realidade hostil da qual está cada vez mais imersa e não consegue se libertar dela, Carolina tenta usar outros meios de sair dali ou pelo menos de resistir e enfrentar a sua realidade a partir das narrativas paralelas que ela cria e algumas se dão a partir da literatura seja como escrita seja como leitura.

12 de junho - Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] E preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 1960, p. 58)

Assim, Carolina encontra na literatura uma forma de tentar lidar com os problemas que enfrentava diariamente. Ao escrever ela tinha a possibilidade de sair daquele lugar por alguns momentos e dessa forma manter viva a sua esperança e de ter para si um lar que não fosse na favela. Ao imaginar lugares suntuosos e cobertos de riqueza e prosperidade, ela podia se distanciar um pouco da miséria que a cercava. Um lugar no qual ela e a sua família provavelmente poderiam usufruir de uma vida mais tranquila. De forma que ela afirma que as horas em que é feliz é quando está residindo nos castelos imaginários.

Ao longo da obra vemos que a alegria de Carolina vai se esvaindo pouco a pouco em decorrência das dificuldades que enfrentava, dos longos dias de trabalho e do pouco que conseguia para sobreviver, os sorrisos e momentos de felicidade vão se tornando cada vez mais raros sendo a literatura uma das únicas fontes de felicidade dela em meio a realidade que vivia.

Dessa forma, a literatura começa a ser a arma que Carolina usa para enfrentar momentos difíceis ou desagradáveis como os conflitos que surgiam com os vizinhos, na falta de coisas essenciais como alimento ou material de higiene, nos momentos de raiva e frustração com a sua realidade como vemos nos seguintes trechos:

20 de julho - Aqui todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo. (JESUS, 1960, p. 22)

18 de maio - O que aborrece-me é elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior (...) Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. (JESUS, 1960, p. 16)

A literatura foi a forma que Carolina encontrou de extravasar o que ela sentia, de confrontar o que estava a sua volta e de lidar com tudo o que passava, além de ser uma área na qual ela decidiu investir o pouco tempo e dinheiro que tinha.

27 de julho - ...Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a

ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool. (JESUS, 1960, p. 74)

Carolina sempre recorria a literatura em momentos bons, momentos ruins, nos momentos de descanso, momentos de dor e foi o que ela escolheu para lutar, para descansar, para amar em meio a tantas adversidades como podemos ver nos seguintes trechos:

6 de julho - Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insipido que eu tenho vontade de morrer. Fiquei sentada no sol para aquecer. Com as agruras da vida somos uns infelizes perambulando aqui neste mundo. Sentindo frio interior e exterior. (JESUS, 1960, p.179)

16 de julho - Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro os filhos surgiu pedindo pão. (JESUS, 1960, p.12)

23 de julho - Comecei fazer o meu diário. De vez em quando parava para repreender os meus filhos. Bateram na porta. Mande o João José abrir e mandar entrar. Era o Seu João. Perguntou-me onde encontrar folhas de batatas para sua filha buchechar um dente. Eu disse que na Portuguesa era possível encontrar. Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário.

— Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você.  
Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler. (JESUS, 1960, p. 25-26)

Junto a literatura temos os momentos em que Carolina sonhava e nestes sonhos ela sempre estava em meio à fartura e distante do quarto de despejo, por mais frustrante que fosse acordar e se deparar com uma realidade totalmente diferente, mas era uma forma de sobreviver naquele lugar.

30 de julho - ..Escrevi até tarde, porque estou sem sono. Quando deitei adormeci logo e sonhei que estava noutra casa. E eu tinha tudo. Sacos de feijão. Eu olhava os sacos e sorria. Eu dizia para o João:

—Agora podemos dar um ponta-pé na miséria.

E gritei:

—Vai embora, miséria!

A Vera despertou-se e perguntou: Quem é que a senhora está mandando ir-se embora? (JESUS, 1960, p.185-186)

21 de maio - Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao

lirio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (JESUS, 1960, p. 39)

Em meio a tudo nos é apresentado ao longo da obra podemos dizer que os tempos que encontramos na literatura estejam em acordo e que os fatos que nos são apresentados sigam a mesma ordem dos acontecimentos de acordo com a cronologia no que se refere a dias e datas e a nação também siga o mesmo fluxo. O tempo literário em *Quarto de despejo* vai muito além disso. Pois, o que acompanhamos é o constante enfrentamento da literatura sobre o tempo que está ali se impondo constantemente. É Carolina vendo através da literatura uma possibilidade de uma vida melhor, e uma forma de sair daquele lugar seja escrevendo, seja lendo. Além de ser a única que dá um retorno a personagem e transforma a vida dela e da sua família.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra *Quarto de despejo* presenciamos em um primeiro momento um tempo cronológico que já está instituído e que é importante para a sociedade a qual estamos inseridos, uma vez que o mundo em que vivemos se estrutura a partir dele. Mas, ao longo da obra, acompanhamos as vivências de Carolina como catadora de lixo e moradora da favela do Canindé, em São Paulo, e a cronologia a qual estamos acostumados torna-se insuficiente.

Já que o tempo que presenciamos está na sua forma mais concreta e por tanto imensurável, que é o tempo que está sendo vivenciado pela personagem, que está diretamente ligado à fome, à sobrevivência e à vulnerabilidade. Por mais que o relógio e o calendário estejam ali constantemente para tentar nos indicar e traduzir de alguma forma os anos de dificuldade que ela enfrentou. Quando falamos em um dia ou cinco anos em que ela e os filhos passaram necessidade, que ela precisou trabalhar exaustivamente, não temos uma precisão do que realmente foi tudo isso para Carolina. Pois, não podemos saber o que foi a vida

do outro para o outro. Mas a partir do que a narrativa nos expõe podemos ter um vislumbre e tentar entender e chegar o mais próximo possível.

Dessa forma, podemos dizer que obra retoma alguns conceitos de tempo que foram esquecidos como Aíon, o qual transformou as vivências de Carolina e de sua família na favela em uma eternidade, um martírio que parecia infinito, bem como foram os momentos que se tornaram minutos para Carolina quando ela estava escrevendo, lendo e sonhando. E como Kayros ao transformar em oportuno rir da ironia de um gato faminto procurar alimento em sua casa, apreciar um canteiro de flores e sentir-se aliviada ao ter um pouco de alimento em casa. Situações as quais a medição é dispensável, as quais ela não consegue dar conta e que estão mais presentes na obra que a cronologia a qual estamos habituados a observar.

Também nos aproximou novamente de uma cronologia que é ignorada e que foi suprimida, uma cronologia que retoma os ciclos naturais e que nos lembram da junção de tempo e espaço. E da forma que uma influencia a outra, por mais que a tratemos separadamente em nosso dia a dia.

Assim, acompanhamos o enfrentamento de um tempo cronológico e o consolo de um tempo vivido por meio da literatura. O qual acaba por dar à personagem uma oportunidade de mostrar o quarto de despejo e também sair da favela e ter uma vida digna e se libertar dele.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Letícia Pereira de. ***O diário como utopia: quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus***. UFMS Campus de Três Lagoas, 2008.

BARTHES, Roland. ***O rumor da língua***. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BENJAMIN, Walter. ***Magia e técnica, arte e política ensaios sobre literatura e história da cultura***. Obras escolhidas volume 1 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Junito de Souza. ***Dicionário-etimológico da mitologia grega***. Volume 1. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

CANDIDO, Antonio. ***Literatura e sociedade***. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

GIDDENS, Anthony. ***As consequências da modernidade***. São Paulo: UNESP Fundação, 1991.

JARDIM, Antonio. ***Música e literatura: há uma pedra no meio do caminho?***. Sesc Literatura em Revista. v. 5, Palavra nº4 p. 51-60. Rio de Janeiro, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. ***Quarto de despejo***. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. ***Teoria da literatura***. 8ª ed. Coimbra: Edições Almedina SA, 2007.

NUNES, Benedito. ***O tempo na narrativa***. São Paulo: Ática, 1988.

SANTOS, Gabriela Alves dos. ***Carolina Maria de Jesus: Análise identitária em quarto de despejo - diário de uma favelada***. UFG Regional Catalão, Goiás, 2015.

